

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VERDADE E JUSTIÇA: GUERRA PSICOLÓGICA, FASCISMO E AMERICANISMO NAS HISTÓRIAS DO SUPERMAN

Bruno L. R. Andreotti
Doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
brandreotti@gmail.com

Dr. Adriano J. Marangoni
Professor de História/Stance Dual School
ajmhist@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho traz uma investigação do imaginário heroico americano no século XX a partir da análise dos *comics* do Superman entre 1938 e 1945 e da comparação com que poderia ser considerado sua antítese: o nazi-fascismo. O contraste será realçado a partir das percepções da United States Information Agency (USIA), órgão do governo americano, sobre as diretrizes, objetivos e metodologias da propaganda praticada na Alemanha sob o regime nazista. Ademais, aborda-se como tais interpretações levaram à incorporação de valores e atitudes expressas nas histórias do Superman, elementos que eram igualmente presentes e passaram a constituir a política externa dos Estados Unidos durante os primeiros anos da Guerra Fria.

Palavras-chave: Americanismo, Superman, USIA

Este trabalho¹ traz uma investigação do imaginário heroico americano no século XX a partir da análise dos *comics* do Superman entre 1938 e 1945 e da comparação com que poderia ser considerado sua antítese: o nazi-fascismo. O contraste será realçado a partir das percepções da United States Information Agency (USIA), órgão do governo americano, sobre as diretrizes, objetivos e metodologias da propaganda praticada na Alemanha sob o regime nazista. Ademais, aborda-se como tais interpretações levaram à incorporação de valores e atitudes expressas nas histórias do Superman, elementos que

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eram igualmente presentes e passaram a constituir a política externa dos Estados Unidos durante os primeiros anos da Guerra Fria.

A metodologia para análise das histórias em quadrinhos tem inspiração na mitocrítica e mitanálise de Gilbert Durand, em que identifica-se temas recorrentes como significativos para a sociedade na qual as histórias estão localizadas para, em seguida, localizar núcleos simbólicos importantes para aquela sociedade. Dentre tais núcleos, chama-se atenção sobre o americanismo² em contraposição ao fascismo para a construção de um imaginário heroico americano e sua instrumentalização posterior na Guerra Fria sob a USIA.

Desde sua primeira aparição em 1938, o Superman, criação dos judeus americanos Jerry Siegel e Joe Shuster, luta pela verdade e justiça, termos abstratos, mas que no contexto da reestruturação econômica promovida por Franklin Delano Roosevelt durante o *New Deal* adquiriram um sentido concreto de ética em defesa dos trabalhadores americanos. Isso se evidencia na caracterização dos inimigos do Homem de Aço em suas primeiras histórias: padrões inescrupulosos (*Action Comics #3*, 1938), políticos corruptos (*Action Comics #1*, 1938), estelionatários que prejudicavam a classe trabalhadora (*Action Comics #12*, 1939) e o próprio sistema de justiça criminal dos Estados Unidos que emergiam como opressores dos inocentes (*Action Comics #37*, 1941).

Outro tema recorrente é a importância da ciência como critério de verdade (*Action Comics #19*, 1939 e *Action Comics #26*, 1940) e como redentora. A importância da ciência também pode ser vista na explicação e justificativa para os super-poderes do herói, explicados e justificados cientificamente já na edição de estreia e reiterado mais tarde (*Action Comics #1*, 1938 e *Superman #1*, 1939).

Após a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em dezembro de 1941, os temas dessas histórias começam a mudar e o personagem passa a ser, além de um defensor da classe proletária, também um patriota. A partir daquele ano outro tema

² Tal qual “fascismo”, o conceito de “americanismo”, fulcral para presente discussão e empregado neste trabalho, possui historicidade e sentido semântico específico. Para reconhecer e caracterizar o significado deste conceito, os quadrinhos, enquanto fontes documentais, são meios privilegiados. Para fins de revisão bibliográfica neste sentido toma-se entre referências as interpretações de Warren Susman, Gary Gerstle, Lipset e Marks, em obras indicadas ao final desta apresentação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

passa a ser recorrente nas histórias do Superman: a existência de conspirações de nações estrangeiras que tentam destruir a democracia e/ou a economia dos Estados Unidos (*Superman #15*, 1942).



Figura 1 Superman expõe uma conspiração estrangeira contra os EUA em Action Comics #41 (1941)

O método para lidar com os antagonistas do herói era frequente: exposição dos atos vilanescos e vilões à imprensa e/ou ao sistema de judiciário por meio da confissão, conseguida sob ameaça de violência física do herói.

Conforme postulam R. Jewett e J. S. Lawrence em *The American Monomyth*, o monomito americano pode ser resumido no surgimento de um herói transgressor e abnegado para defender uma comunidade democrática de ameaças externas, e a maior ameaça para os Estados Unidos no período era derrota na guerra para o fascismo.

Isso parece estar de acordo com Wunenburger (2007), quando identifica como um mitema americano um maniqueísmo ontológico e moral, relacionado à fé missionária e messiânica do calvinismo. O Mal associado ao que é exterior ao grupo (vilão e/ou antagonista), mas também o mal interior ao grupo, cultivado como expressão do bem, daí a permanência constante na cultura americana de figuras violentas e transgressoras, remetendo ao arquétipo do herói vigilante, no caso do Superman, em seu aspecto positivo, desafiando a lei para que possa defender os ideais básicos dessa mesma lei que desafia (HOPPESTAND, 1992).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dessa forma, verdade e justiça adquirem sentidos muito precisos nas histórias do Superman: proteção da classe trabalhadora e dos Estados Unidos contra seus inimigos, sejam internos (patrões inescrupulosos, políticos corruptos, estelionatários) ou externos (conspiradores estrangeiros), por meio da exposição à imprensa e entrega ao sistema justiça criminal, tendo como valor e critério de verdade a ciência.

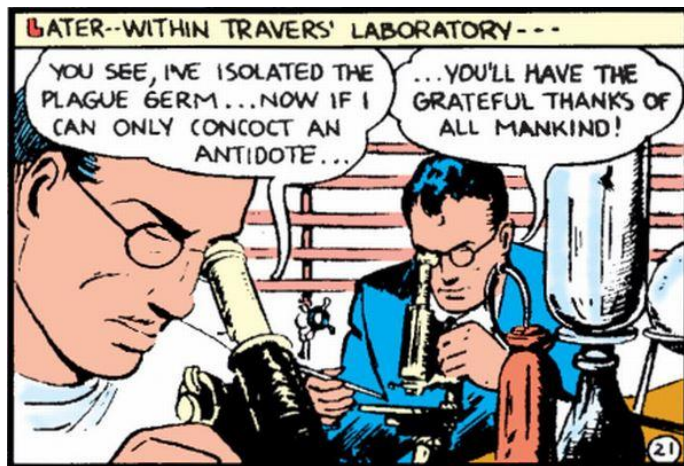


Figura 2 A importância da ciência como engenhosidade americana para toda a humanidade em Action Comics #19 (1939)

Esses elementos constituem o americanismo do Superman em suas primeiras histórias, moldando este construto identitário nacional, que pode ser compreendido também como uma ideologia que inclui um conjunto de dogmas a respeito da natureza da boa sociedade (LIPSET; MARKS, 2000, p.31), entre a Crise de 29, o New Deal e a Segunda Guerra Mundial. Tomando para si a tarefa de defender a nação de seus inimigos o Superman traz para si, no plano imaginário e simbólico, a tarefa de proteger a comunidade de ameaças nesse momento histórico importante na formação da identidade americana, compondo o imaginário heroico e a narrativa da nação.

“Os elementos e dispositivos da narrativa da nação são referências compartilhadas por aquela sociedade e auxiliam na ideia de pertencimento à comunidade. Essa narrativa faz intensos usos do passado, mobiliza símbolos e mitos, reconstitui a história da nação de forma linear, contornando conflitos, aparando arestas e, como em uma saga ou épico, reverberando êxito no presente” (JUNQUEIRA, 2018,13)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

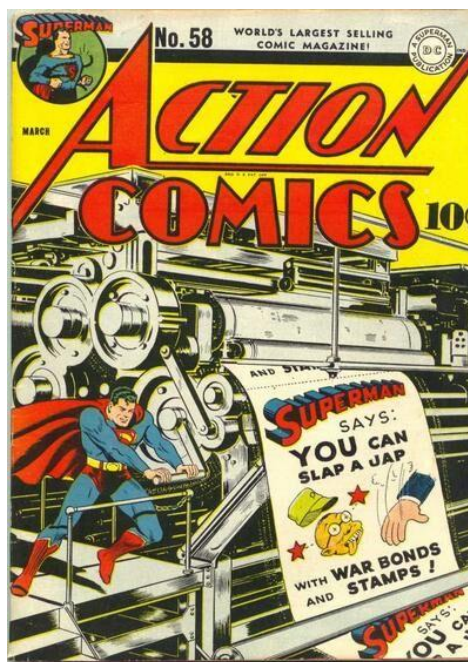


Figura 3 Superman participa do esforço de guerra para a venda dos selos de guerra, autorizando a campanha "Slap a jap", com os imigrantes japoneses identificados como inimigos internos da nação, representantes do fascismo a ser combatido, em Action Comics #58 (1943)

Esses elementos do americanismo podem ser vistos nas próprias mudanças de epítetos pelos quais o Superman passou durante suas primeiras histórias.

Em sua primeira aparição ele é referenciado como o “campeão dos oprimidos, a maravilha física que jurou dedicar sua existência para ajudar os necessitados” (*Action Comics #1*, 1938), ressaltando assim a necessidade de algum tipo de justiça social ao proletariado dos Estados Unidos. É oportuno lembrar que a década de 30 chegou a ficar conhecida como “A Década Vermelha” nos Estados Unidos, tamanha a influência do movimento socialista. Conforme afirma Warren Susman,

“[...] It is vital to the history of socialism in America to realize that the very years that witnessed the growth of considerable interest in and support for socialist ideas and the Socialist Party itself were the years that saw as well the development of ‘Americanism’ as an ideology, especially the first few decades of the twentieth century. [...] Certainly by the 1920’s [...] the whole new order created in the United States under the reign of Progressivism and tightened by the experience of the war itself ‘was sacralized’ or sanctified by the mystique of Americanism, which replaced the older Protestant ethic as an ideological foundation of corporate capitalism’.” (SUSMAN, 2003, p. 77)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Poucos meses depois da estreia do herói, ele é apontado como “amigo dos necessitados e oprimidos”, e seus poderosos dotes físicos utilizados “em uma batalha de um homem só contra o mal e a injustiça” (*Action Comics #8*, 1938), manifestando o mitema do maniqueísmo ontológico. No ano seguinte, é chamado de um “dinâmico defensor da lei e da ordem”. Finalmente, em 1941, ele é caracterizado como “defensor da democracia” (*Superman #13*). Essas alcunhas resumem o americanismo expresso pelo Superman, valores presentes no imaginário heroico americano no período, alinhado às políticas de bem-estar social de Roosevelt e com a necessidade da coesão da nação frente a guerra.



Figura 4 Superman como defensor da democracia protetor da unidade da nação ameaçada em *Superman #13* (1941)

Nas histórias do Superman a verdade era a exposição dos inimigos do proletariado e da nação à imprensa e a defesa da ciência (expressão também de outro elemento do americanismo, a *engenhosidade americana*) e a justiça era o azeitamento do sistema de justiça criminal por meio de seus atos, crença portanto no sistema democrático e legal dos Estados Unidos, ainda que agindo fora desse mesmo sistema (o paradoxo do herói, expressão também do mitema americano do herói transgressor).

Politicamente instrumentalizado, o herói capta todos os fervores da esperança coletiva (GIRARDET, 1987, p.66), expressando uma visão coerente e completa do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

destino coletivo (idem, p. 70). Para essa instrumentalização é necessária uma certa adequação entre a personalidade do herói e as necessidades de uma sociedade em um determinado momento de sua história, exatamente o que acontece com o Superman o contexto analisado, por isso ele pode ser expressão do americanismo.

Porém, verdade e justiça, embora pilares do americanismo, estão em relação com o fascismo, para o qual a verdade e justiça são também pilares. Os sentidos desse significado, contudo, são totalmente diversos, se não antagônicos.

“Os fascistas associavam as políticas de seus líderes a uma verdade mítica transcendental. A verdade do fascismo conectava a realidade do movimento e seus líderes com o passado mítico de heroísmo, violência e subordinação (...) Para os nazistas, Hitler era a fonte suprema de justiça precisamente porque, como argumentava Schmitt, a natureza judiciária do Führer emanava da mesma fonte vital que o direito do povo. (...). A vontade de Hitler, o sentido fascista da verdade em sua liderança sagrada, era formulada como lei pública alemã. Consequentemente, os nazistas davam status jurídico à concepção revolucionária fascista mais vasta de que o líder determinava a veracidade de suas próprias ações e desejos. (...). Em resumo, para os nazistas, o líder se tornou lei porque representava a verdade ideológica, ‘suas palavras tinham força de lei’ (FINCHELSTEIN, 2020, 65-71)

Ainda que compartilhando ideais de heroísmo e violência (o Superman age, essencialmente, de maneira violenta, impondo sua força física aos malfeitores e conseguindo as confissões dos criminosos por meio da ameaça), Superman é filho do ethos do *New Deal* e de Roosevelt (ROBERTS, 2016, 316). De acordo com o historiador Ian Gordon (2017) a nostalgia é um traço definidor do personagem, sentimento que está em sintonia com o mito da idade de ouro, o que parece indicar que o Superman está ligado ao triunfo americano, seja evocando um passado glorificado, seja na promessa de uma espécie de volta a esse passado, nesse ponto estando associado a um passado mitificado dos Estados Unidos. Americanismo e fascismo, cada um à sua maneira, mobilizam politicamente o arquétipo do herói com o intuito de alcançar a coesão da nação.

O potencial do uso do arquétipo heróico como canal de expressão de uma vontade política não foi exclusividade das nações submetidas ao nazi-fascismo. Compreender e acionar sentimentos, aspirações e expressões subjetivas dentro de um projeto político foi

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma estratégia atentamente observada pelo aparelho de governo norte-americano depois do fim da 2ª Guerra Mundial. Numa interpretação Weberiana, tornou-se vital empregar emoções e valores populares como instrumentos para participar no poder ou influir na distribuição do poder entre os diversos grupos de pessoas que compõem o Estado (WEBER, s/d, p. 49).

A United States Information Agency (USIA), oficialmente criada em 1953 pelo *Reorganization Plan n.8 of 1953*, evidenciava a preocupação do governo dos Estados Unidos com o emprego da cultura como instrumento político. O plano de reorganização condensava na USIA preceitos e atribuições descritas no *United States Information and Educational Exchange Act (Public Law 402/1948)*, lei federal americana que dizia:

“[...] O Congresso a partir deste ato declara que os objetivos deste decreto são de garantir meios ao governo dos Estados Unidos de promover um melhor entendimento sobre os Estados Unidos em outras nações, e aumentar o entendimento mútuo entre o povo dos Estados Unidos e de outras nações. Entre os meios para alcançar estes objetivos estão –

Um serviço de informação para disseminar no exterior informações sobre os Estados Unidos, seu povo, suas políticas promulgadas pelo Congresso, pelo Presidente, pelo Secretário de Estado e outros oficiais do governo responsáveis por temas ligados a relações exteriores;

Um serviço de intercâmbio educacional para cooperação com outras nações no sentido de –

(a) Intercâmbio de pessoas, conhecimentos e habilidades; [...]

(c) O intercâmbio de desenvolvimento nos campos da educação, das artes e ciências.” (ESTADOS UNIDOS. Public Law 402/1948)³

O campo das “artes” viria a se tornar uma das frentes mais vigorosas da atuação da USIA durante o seu tempo de existência (1953-1999). Responsáveis pela produção e difusão do programa *Voice of America (VOA)*, apenas um de uma série de ações culturais promovidas pela USIA, a agência reconhecia nas expressões artísticas o meio de interlocução e nivelamento de interesses internacionais. O zelo pela arte não era mero

³ Doravante os documentos e atos legais de origem norte-americana têm tradução nossa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

denodo, adereço ornamental de política externa. Na cultura, avaliavam, estava a chave para pavimentar o futuro.

Conforme sugerem os relatórios da USIA, se houve “erros” cometidos pelas nações europeias após a 1ª Guerra Mundial, um foi tolerar a manipulação das massas por obscurantismos retóricos, o emprego de narrativas míticas para abalar sistemas democráticos e das liberdades individuais. Conforme pontuava um relatório da agência de 1955, entre os princípios da propaganda nazista estava um item que mereceu exame maior, sobre a “natureza do povo”. Indicava o relato, decisões do povo, baseadas nas emoções invés da razão, eram passíveis de serem controladas. E pontuava:

“[...] Num cenário totalitário, propaganda e ideologia, palavras e ações, são inextricavelmente interligados. Por vezes se torna quase impossível de separar propaganda de princípios, persuasão de coerção. Quando alguém olha para propaganda Nazista alemã, pode-se dizer que todo o programa nazista foi um sistema de propaganda, de tal modo que o termo propaganda perde seu sentido. Tentaremos neste breve resumo da teoria da propaganda alemã a nos limitar a considerar o uso de símbolos feito pelos nazistas como armas. Deve-se lembrar, contudo, que este é um artifício, adotado para delimitar o assunto. De fato, termos usados e ações feitas pelos nazistas se misturam, diplomacia, ação militar, organização e propaganda nazistas todas se mesclam, sob a força direcionadora do nacional-socialismo.” (Apud NARA, RG306/P-160/Box 9)⁴

Já nos primeiros anos da Guerra Fria, numa disputa de presença americana e soviética em nações como Coreia, Irã e Vietnã, a “falha” do passado, aquela que levou ao surgimento do nazi-fascismo, poderia ser reparada por meio do esclarecimento, conforme indicam os relatórios da USIA. Diz o preâmbulo do documento *Basic Guidance Paper U.S. Information Agency*, assinado por Arthur Larson, diretor da agência em 1957,

“O propósito da United States Information Agency deve ser o de apresentar evidências às pessoas de outras nações usando técnicas de comunicação, que os objetivos e políticas dos Estados Unidos estão em harmonia [com a delas] e

⁴ Tradução nossa. Os documentos sobre a USIA aqui referenciados foram extraídos no National Archives and Records Administration, indicados nas citações como “NARA” e contendo as localizações do documento no acervo. Ressalte-se, os documentos da USIA empregados neste trabalho foram extraídos com apoio do Programa Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES e do Center for Latin America and Latino Studies da American University, em Washington, D.C..

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

irão fazer avançar as legítimas aspirações de liberdade, progresso e paz.”
(NARA, RG306/P-65/Box 1)

Tal como mostravam as histórias do Superman, a agência deputada pelo congresso e presidência para administrar a cultura como instrumento de relações internacionais, reconhecia que o “antídoto” para conter a desarmonia de interesses, a propagação de manipulações ou demais ameaças políticas era expor fatos e evidências aos olhos públicos, pilar característico da profissão jornalística (e historiadora, aliás). Como doutrina, antes heróica e agora oficial (ao menos pretensamente), havia de se reconhecer as próprias contradições e promover o esclarecimento de fatos. Contudo, o documento assinado por Arthur Larson fazia uma ressalva:

“[...] Implícita na ideia de ‘apresentar evidências’ está a percepção de que a audiência pode chegar às próprias conclusões. Fornece-se os fatos e explicações – mas deve-se dar o devido crédito à sua audiência em ter inteligência suficiente para formar o próprio julgamento.[...]”

Nossos materiais devem ser sempre propositivos. Nós não estamos no setor de notícias ou de arte, ou literatura ou entretenimento ou educação por seus próprios méritos. Na verdade, nossa atuação deve formar a base de conclusões que sustentam nossa política externa e objetivos. O sentido desta subseção é apenas enfatizar que essas conclusões serão mais rapidamente alcançadas como resultado de uma habilidosa e imaginativa exposição de fatos sem cruzar a linha de anunciar uma moral, ao invés de uma apresentação que presume em dizer à audiência o que eles procuram acreditar.” (NARA, RG306/P-65/Box 1)

É importante ressaltar que embora esteja repleta de uma indisfarçável pretensão internacionalista, característica da atuação americana e soviética na Guerra Fria, a atuação da USIA é marcada por uma preocupação sobre os sentidos das relações culturais entre os países. Dito de outra forma, existe o cuidado em não promover uma divulgação de cultura, valores ou interesses americanos em sentido unilateral, de “dentro para fora”, mas também na via inversa, de buscar compreender valores e atitudes de outras nações “de fora para dentro”. Ao menos oficialmente.

Mais seguro é pensar que a USIA surgiu como um órgão político que buscava empregar a cultura como instrumento de Estado. Por meio de bens culturais, itens como programas de rádio, construção e administração de bibliotecas, mostras de pintura,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cinema, esculturas, peças teatrais, performances musicais, a USIA buscou ocupar espaços que, de certa forma, já era plenamente populado no imaginário social dos públicos fora dos Estados Unidos, graças aos quadrinhos.

Narrativas planejadas a partir da percepção de um público-alvo passível de assimilação, tanto os quadrinhos americanos como táticas de propaganda da Alemanha nazista exploravam temas caros ao imaginário de seus respectivos países. Com uma distinção: apresentar evidências, jogar luz sobre os fatos, ao invés de mistificar ou ofuscar elementos que corroboram a verdade, tornou-se ingrediente essencial do americanismo, um “antídoto” para o fascismo ou projetos totalitários. Conforme evidencia o surgimento da USIA e atos normativos que balizavam sua atuação, o americanismo, antes expresso nas atitudes do Superman enquanto herói “defensor da democracia”, “campeão dos oprimidos” e defensor da “verdade e justiça” durante a 2ª Guerra Mundial, passou a ser a base de valores e dogmas das práticas das políticas de Estado americanas já nos primeiros anos da Guerra Fria. O valor que antes era notadamente proletário, um instrumento contra o abuso e a arbitrariedade - acima de tudo uma alternativa nacional ao socialismo - tornou-se pilar da política externa dos Estados Unidos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 5 O mote internacionalista dos Estados Unidos presente em seu imaginário. Pode-se ler na inscrição do monumento: Superman. Erigido pelos cidadãos de Metrópolis em gratidão e reconhecimento pelos seus muitos serviços à comunidade e à humanidade. Capa de Superman #16 (1942)

Referências

DC Comics, **Superman** v.2 #53. Burbank: DC Comics, 1991.

DC COMICS, **Superman: The Golden Age v.1-2**. Burbank: DC Comics, 2016.

DC COMICS, **Superman: The Golden Age v.3**. Burbank: DC Comics, 2017.

DC COMICS, **Superman: The Golden Age v.4**. Burbank: DC Comics, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mito crítica. In: **Revista da Faculdade de Educação**, v. 11 n. 1-2, 1985.

ESTADOS UNIDOS **Reorganization Plan** n.8 of 1953. Disponível em <https://govtrackus.s3.amazonaws.com/legislink/pdf/stat/62/STATUTE-62-Pg6.pdf>

Acesso em 20/07/2021

ESTADOS UNIDOS. **United States Information and Educational Exchange Act (Public Law 402/1948*)**. Disponível em <https://govtrackus.s3.amazonaws.com/legislink/pdf/stat/62/STATUTE-62-Pg6.pdf>

Acesso em 20/07/2021.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascistas**. São Paulo: Vestígio, 2020.

GERSTLE, Gary. **Working Class Americanism – The Politics of Labor in a Textile City, 1914-1960**. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GORDON, I. Superman: **The Persistence of an American Icon**. New Bruswick: Rutgers, 2017.

HOPPENSTAND, Gary. Justified Bloodshed: Robert Montgomery Bird's Nick of the Woods and the Origins of the Vigilante Hero. American Literature and Culture in **Journal of American Culture**, v. 15, n. 2, p. 51-61, jun. 1992

JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. **The American Monomyth**. New York: Doubleday, 1977.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776-1900)**. São Paulo: Edusp, 2000.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LIPSET, Seymour Martin; MARKS, Gary. **Por que não vingou? História do socialismo nos Estados Unidos**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 2000.

ROBERTS, Jordan. **A verdadeira história da ficção científica**. São Paulo: Seoman, 2018.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

SUSMAN, Warren. **Culture as History – The Transformation of American Society in the Twentieth Century**. DC: Smithsonian, 2003.

The Propaganda Theory of the German Nazis. Apud **National Archives and Records Administration**, RG306/P-160/Box 9.

WEBER, Max. **O Político e o Cientista**. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

WUNENBURGER, Jean. **O Imaginário**. São Paulo, 2007.